

“NO MEU PROCESSO DE ACEITAÇÃO SÓ RECEBI NEGAÇÃO E VIOLÊNCIA”: FAMÍLIA, HOMOFOBIA, E PRECONCEITO

TAMIRES RODRIGUES SIQUEIRA¹; IARA VENANCIO LOPES LARA²;
FLÁVIA RIETH³

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – tamiresr.siqueira@hotmail.com*

²*Universidade de Pelotas – iaravlopess@gmail.com*

³*Universidade de Pelotas – riethuf@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido através de pesquisa etnográfica em colaboração com interlocutores, e tem como objetivo compreender as relações familiares, particularmente de pais com filhos LGBTs que fogem do padrão heteronormativo e cisgênero. O tema visa contextualizar como as relações familiares influenciam na legitimação das violências enfrentadas por esses jovens dentro de suas próprias casas, gerando assim uma série de conflitos e rompimentos familiares.

A família, nas palavras de um interlocutor deve operar enquanto rede de apoio e cuidado. De forma geral, a família tende a ser vista na nossa sociedade como uma instituição que promove proteção e refúgio, no entanto também pode atuar como instrumento de opressão. E é exatamente nessa tensão que reside o nosso objeto de estudo.

2. METODOLOGIA

O método do nosso trabalho foi desenvolvido a partir de coleta de dados etnográficos por intermédio de entrevistas com quatro interlocutores integrantes da comunidade LGBT+, com variações de idades entre 18 e 20 anos. Conversamos sobre relacionamento familiar e perguntamos sobre a influência das relações caracterizadas como homofobia e transfobia na vida dos participantes da pesquisa. As motivações para a realização deste trabalho partiram de atravessamentos pessoais das autoras ao observarem, nas redes de parentesco e amizades LGBTs, o valor imputado à família e a repercussão na vida dos sujeitos de relações de violência e preconceito, especialmente dos pais e das mães.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Modelo heteronormativo é o hegemônico em grande parte das culturas ocidentais, manifestando em sua estrutura básica hierarquias sexuais a serem seguidas e protegidas (Perucchi, 2014). O modelo hetro e cis é muito bem demarcado e cobiçado como modelo superior, é o ideal a ser atingido na sociedade conservadora brasileira. Este é visto como natural ou *biologicamente correto*, enquanto os demais modelos existentes são marginalizados e, inferiorizados. A homofobia é a atitude hostil a homossexuais, pautada em geral em um modelo cisgenero que considera o outro como anormal e desviante (Borillo, 2011). Parte de um pressuposto intolerante, que supõe a heteronormatividade como superior e, como único padrão aceitável, correto.

A homofobia intrafamiliar que é a pauta desta reflexão, se apresenta de inúmeras formas, mas principalmente através da violência física, mental, e do silêncio. O silêncio sendo usado nesse contexto como uma arma punitiva, e

medida coerciva. “Dessa forma, a família opera no micro contexto das relações de parentesco e coabitação, reproduzindo modelos hierárquicos e opressores” (Osório, 1996). De acordo com a análise realizada quando advinda do seio familiar a homofobia possui um peso maior:

Eu me assumi entre os 16, e 17 anos para a minha mãe. Me assumi primeiro pra minha prima e depois pra minha irmã e então para o resto da família. Minha irmã e prima já sabiam que eu sou gay, porque quando eu tava na segunda série eu me apaixonei por um menino e contei pra minha mãe, nessa época ela disse que me apoiaria. Porém, como eu sou de uma família cristã, o debate entre céu e inferno sempre esteve presente o que me fez *oprimir* esse lado (sua orientação sexual). Mesmo tentando reprimir, não adiantou (Lucas, 20 anos).

Unanimamente os interlocutores entrevistados enfatizaram o medo da não aceitação e mais do que isso, o temor de rompimento das relações familiares a partir do momento em que especialmente os pais e as mães tivessem conhecimento das orientações sexuais dos filhos. Tal temor não é infundado, visto que as reações dos parentes variam do tão desejado acolhimento e aceitação, podendo ocasionar até a expulsão de casa e agressão física e moral. Neste sentido, um interlocutor comenta que precisou se retirar de casa mesmo que sua mãe e irmã o apoiassem, em razão das injúrias vindas por parte de seu padrasto que causavam profundo mal-estar. Fato que se agravou quando seu padrasto o proibiu de ajudar no cuidado, ou mesmo ficar perto de seu irmão mais novo, filho do segundo casamento da mãe.

Atentamos aqui para os **processos** conflituosos entre os interlocutores e seus familiares em que as atitudes de **evitação e jocosidade**, remetendo-se a RADCLIFFE-BROWN (1973) em Parentesco Por Brincadeira, figuram como atitudes de mediação política entre os parentes, em razão do valor atribuído aos laços familiares. Lucas, é um exemplo disso, pois o contexto vivido pelo interlocutor, contou com a mediação feita pela mãe e irmãos, por isso permaneceu em casa. Como as ofensas do padrasto não cessaram, decidiu sair de casa e ir morar com o pai. Ademais, em sua fala também está presente a tolerância, mas não a aceitação por parte de seu pai de sua orientação sexual.

“Por causa da homofobia do meu padrasto, eu vim morar com meu pai. O meu pai falou que sempre ia me amar mas, quando eu comecei a namorar as coisas não ficaram mais tão boas assim. Apesar de tudo minha família me aceita, e de forma geral a minha sexualidade não afetou minha reação com minha família (Lucas, 20 anos).

O ato de “assumir-se” configura na vida de grande parte dos LGBTs, um **rito de passagem** (Van Gennep, 1978), que potencializa a autoafirmação identitária. Nesse processo é comum esperar apoio e acolhimento. O rito de passagem seria um período intermediário e temporário de incerteza e de crise, isto é, um interstício que possibilita o indivíduo refletir sobre a sua existência na sociedade.

Todavia, as dinâmicas familiares nem sempre funcionam dessa maneira, e não é incomum que os familiares procurem justificativas para explicar motivos para o dito “desvio” daquilo que consideram certo, ou seja o padrão heteronormativo que esperam que os filhos sigam. Os pais culpam-se por acreditarem que falharam na criação dos filhos e, não raramente, culpabilizam terceiros por isso.

O início do conflito familiar ocorreu para a maior parte dos participantes da pesquisa com o que o senso comum nomeia como a “saída de armário”, (PERUCCHI; BRANDÃO, VIEIRA, 2014). Esses conflitos acarretam sentimentos de inferioridade, e inadequação. Nesse sentido, Toledo, e Teixeira Filho (2013), comentam que é preciso o reconhecimento de alguém a quem atribuímos importância para que nos sintamos seres autênticos.

Se tornou muito complicado, minha família já suspeitava porque eu andava saindo com alguns garotos. Contei pra minha mãe com 14 anos, no início ela não curtiu muito, mas depois aceitou. Contei pro meu pai com 16 anos, ele chorou muito, e disse que me aceitava do jeito que sou, mas ele ainda fica com um pé atrás, pois ele tem um pouco de preconceito. Minha madrasta é da igreja e foi uma das mais difíceis de lidar porque por muito tempo me olhou de cara feia (Carlos, 18 anos)

Ainda que o caso do interlocutor acima, não se reporte a situações de rompimento dos laços familiares, o relato de Carlos denota que sua família não o acolhe, apesar de oferecer uma rede de apoio e atuar de forma diversa dos demais casos. Nesse sentido, evidencia-se aqui, que a quebra da imagem ilusória - relacionada a heteronormatividade - que os pais têm sobre filhos afeta as relações familiares transparecendo a decepção e o estranhamento. Essa não aceitação é percebida por exemplo, quando Lucas e Carlos comentam sobre o desconforto dos pais quando iniciam um novo relacionamento.

Ainda que a recusa de aceitação não culmine em expulsão, a negação, também causa danos. Uma vez que a rejeição e o distanciamento emocional são agressões intencionais e diretas. O silêncio como forma de evitar o conflito no cerne das relações familiares, pode encobrir tentativas de coerção, para que os filhos voltem a interpretar os papéis esperados e expressa o caráter punitivo quando isso não acontece.

Minha família nunca me ofendeu diretamente, mas já falaram na minha cara que não iriam me aceitar. Não me ofenderam, mas fingiam que isso não existia. Quando eu falava algo relacionado a isso, viravam a cara, mas não falavam nada. Nas minhas tentativas de ser aceita eu não recebi aceitação da minha família, eu recebi negação. Os meus avós, e meu pai principalmente falavam abertamente que não iriam me aceitar. (Haydée Lara, 20 anos).

Embora seja inegável que o espaço público promova muitas situações de perigo, sobretudo pelo Brasil ser o país com maior índice de mortalidade para a comunidade LGBT+, também pode atuar como um espaço de recomposição de laços sociais.¹ Para Haydée Lara, o apoio pode não advir da família, mas dos amigos. Com isso, o arranjo de casa = proteção, e rua/espaços públicos = perigo é modificado.

São nas redes de amizade e afeto, sejam elas familiares ou não, que se constroem identidade, autoestima e aceitação própria. Por esse ângulo, fica claro o medo dos entrevistados ao contarem sua sexualidade para a família. Assim, estes processos são conflitivos justamente pelo valor atribuído aos laços familiares, aqui a evitação e o silêncio aparecem como exclusão, no momento da “descoberta” da orientação sexual dos filhos/as. Neste sentido, os interlocutores

¹ Dados levantados pela Casa gay da Bahia. Para mais informações acessar o mapa de lgbtfobia: <http://mtrpires.github.io/caj2016-huff/>.

relataram que o impacto dessa resistência e das diárias tentativas de serem obrigados a serem quem *não são*, pouco a pouco, percebem-se excluídos e inferiorizados.

4. CONCLUSÕES

Observamos que entre os participantes da pesquisa, a forma como a família transmite sua aceitação, ou não aceitação é vital para tornar o processo de “revelação” menos doloroso. Contudo, entende-se que o estigma a respeito da homossexualidade foi construído e perpetuado ao longo dos séculos e, em razão disso faltam pesquisas e discussões acerca da homossexualidade.

A homofobia familiar contribui e respalda os processos de rompimentos, e agressões nos núcleos familiares. Este artigo contribui para o aumento de informações e diálogos para proporcionar uma quebra de preconceitos mesmo que lentamente, dado que a negação da sexualidade dos filhos se dá em parte pela homossexualidade ser considerada como um padrão anormal, e desviante. Não obstante, através da coleta de dados foi possível notar que em muitos casos mesmo quando a reação inicial das famílias é positiva, não engloba uma aceitação plena e sim um tênue tolerância. Destarte, percebemos que a homofobia é usada como mecanismo de controle em relação a sexualidade dos filhos. Além disso, é a posição dos pais em relação à revelação dos filhos que vai mostrar se os mesmos estão realmente interessados no filho ou se estão preocupados com seus valores, e com a imagem pública. Em vista da homofobia familiar e do silenciamento enfrentado por esses jovens nas configurações familiares baseadas na heteronormatividade, observamos a busca por lares mais acolhedores e harmoniosos que preservem sua integridade física e mental. Neste termos, vislumbramos a constituição de outros arranjos de família com base nos vínculos sociais de afeto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borillo, D. (2001). Homofobia. Barcelona: Ediciones Bellaterra
- DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. **Rio de Janeiro: Rocco**, v. 5, 1997
- Osório, L. C. (1996). Família hoje. Porto Alegre: **Artes Médicas**
- GENNEP, Arnold van *Les Rites de Passage*, Paris, 1909 (Trad. Bras. Mariano Ferreira 3 ed. Petrópolis, **Vozes**, 2011, Apresentação de Roberto da Matta)
- PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; DOS SANTOS VIEIRA, Hortênsia Isabela. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 67-76, 2014
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. “Os Parentescos por Brincadeira” e “Nota Adicional sobre os parentescos por brincadeira” IN: **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. RJ, Petrópolis: Vozes, 1973.
- Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F. S. (2013) Homofobia familiar: Abrindo o armário ‘entre quatro paredes’. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 65(3), 376-391